

Forte Príncipe da Beira

Localizado à margem direita do Rio Guaporé, no Estado de Rondônia, desabrochando no meio da selva amazônica, ali está a majestosa relíquia da arquitetura militar luso-brasileira: o Real Forte Príncipe da Beira.

Percorrendo o que resta de suas antigas instalações, hoje em ruínas, cuja construção coube a D. Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Cáceres, iniciamos esta reportagem homenageando nossos antepassados que, em região inóspita, erigiram esse marco da soberania nacional em terra tão distante.

Suas muralhas testemunham a ousadia e a perfeição dos seus construtores.

Coronel de Infantaria
Paulo Roberto Rodrigues Teixeira

Refletem a vontade e a determinação de corações cheios de fé, que acreditavam no seu trabalho, dispostos a enfrentar a adversidade e a agressividade da selva: os animais selvagens, as doenças tropicais, a alimentação difícil e, até mesmo, as ameaças de confronto com povos vizinhos.

Esse forte é símbolo da vontade nacional. Retrata bem a presença do homem e o seu esforço para preservar a integridade territorial da colônia portuguesa na América.

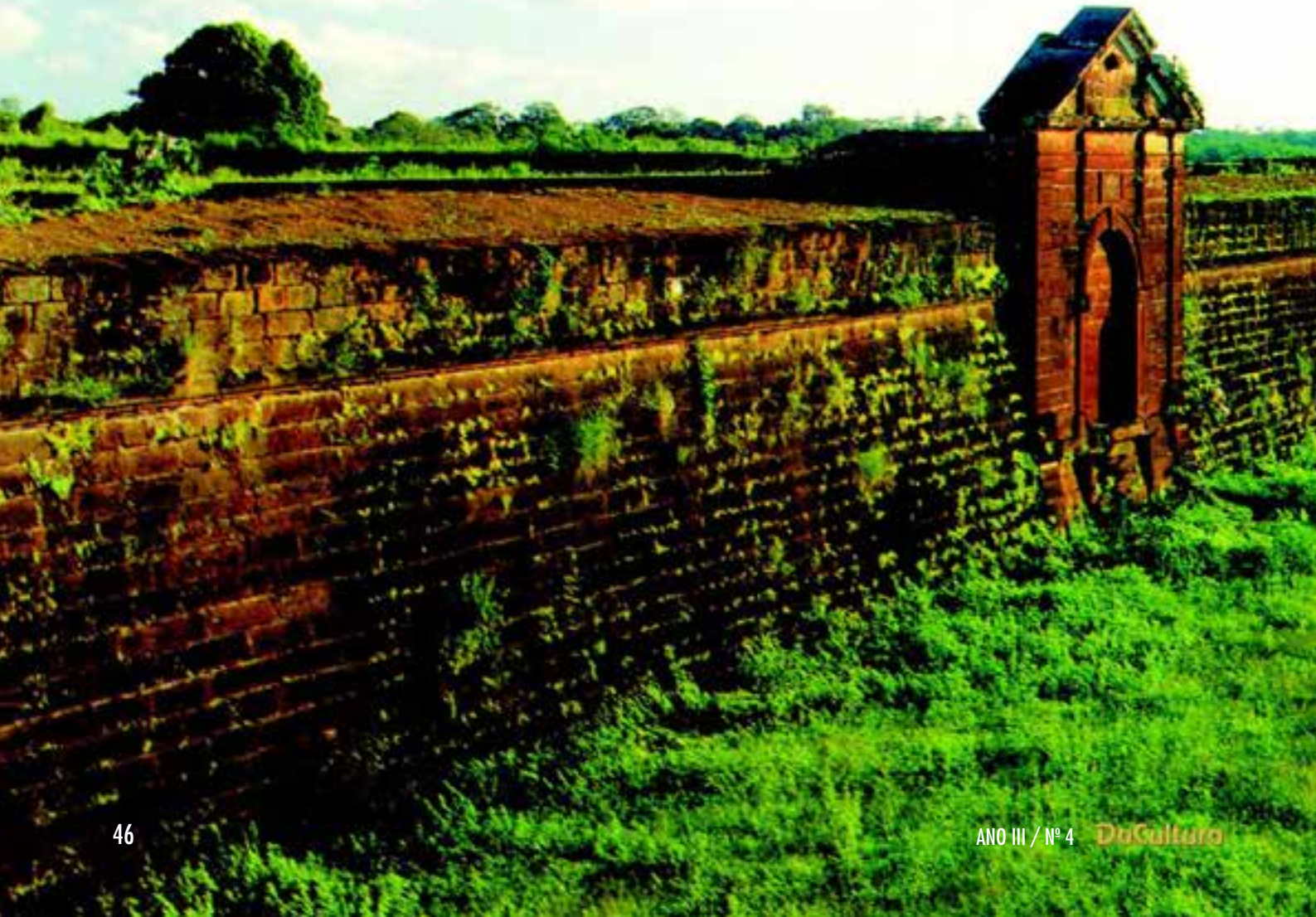


História

Foi durante o reinado de D. José I, Rei de Portugal, que o estadista, ministro e personagem de destaque do governo, Sebastião José Carvalho e Mello, Marquês de Pombal, lançou as bases da colonização da Amazônia. Decisões estratégicas de grande alcance foram tomadas, destacando-se a criação da Capitania de Mato Grosso e a construção de um verdadeiro cordão de fortes e fortins, a fim de barrar as vias de penetração que do oeste atingiam a região central da Amazônia. Essas fortalezas assinalaram e asseguraram a expansão do território brasileiro para o norte e para o oeste. O Forte Príncipe da Beira era uma delas. Com a mesma finalidade,

o Forte de Coimbra, localizado no sul de Mato Grosso no barranco oeste do Rio Paraguai, desempenhou ativo papel em operações de guerra, defrontando, valentemente, forças poderosas. A primeira operação foi em 1801, quando combateu os espanhóis, a segunda, em 1864, reagindo heroicamente aos invasores paraguaios. Também o Fortim de Nossa Senhora da Conceição, situado nas proximidades do Forte Príncipe da Beira, no Rio Guaporé, por duas vezes, enfrentou os castelhanos, vencendo-os, ainda que com menor poder de combate.

O Real Forte Príncipe da Beira, baluarte da longínqua fronteira, impôs, por sua imponência e austeridade, o respeito e o temor ao inimigo, mantendo-se intocável



durante todo o período da história em que houve ameaça externa.

Construção

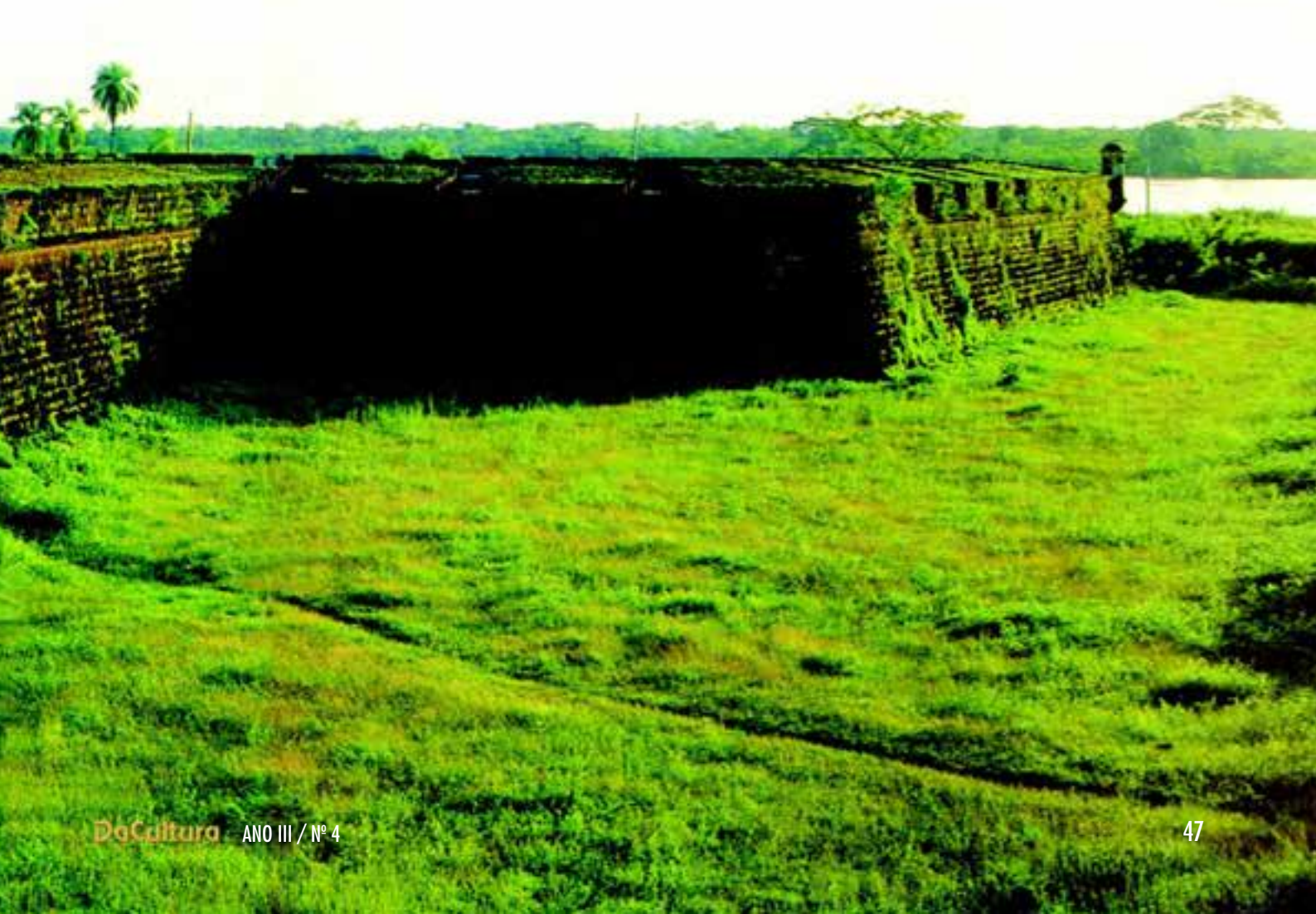
A pedra fundamental da construção foi lançada em 20 de junho de 1776 e as obras foram concluídas em agosto de 1783. O primeiro comandante foi o Capitão de Dragões José de Mello da Silva Villena. D. Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Cáceres criou esse baluarte, visando inicialmente à consolidação do domínio português na calha do Rio Guaporé, diante da ameaça expansionista do Vice-Reinado do Peru. A idéia não era uma construção similar a do Forte Coimbra, mas sim uma verdadeira fortaleza com todos

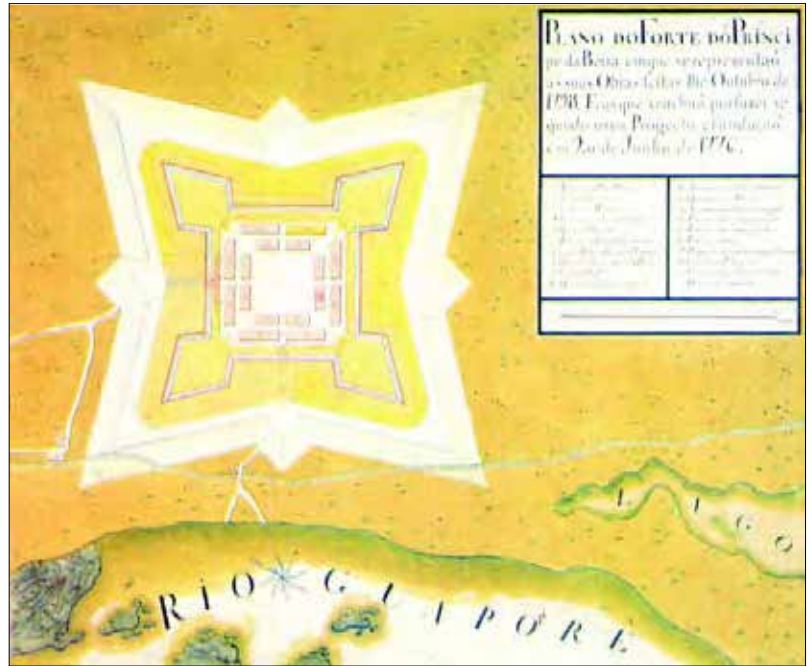
os requisitos da Engenharia Militar. Para tal empreitada foi escolhida uma lomba da Serra dos Parecis, dois quilômetros a montante de Conceição, na margem direita do Rio Guaporé.

A falta de recursos, as longas distâncias, a aproximação dos espanhóis, bem como todas as dificuldades foram registradas por D. Luiz de Albuquerque quando disse:

“A soberania e o respeito de Portugal impõem que neste lugar se erga um forte, e isso é obra a serviço dos homens de El-Rei, nosso senhor e, como tal, por mais duro, por mais difícil e por mais trabalho que isso dê... é serviço de Portugal. E tem que se cumprir.”

O Real Forte Príncipe da Beira é um quadrado de conformidade com o sistema Vauban ou de praças, que utiliza a fortificação





de bastiões, possuindo um perímetro de 970 metros, com muralhas de dez metros de altura, quatro baluartes, sendo cada um armado com 14 canhoneiras. Em torno do forte, um longo e profundo fosso obrigava o ingresso através somente da ponte elevadiça que conduzia à monumental e única porta com cerca de três metros de altura, aberta na muralha norte. No seu interior, existiam 14 residências, destinadas ao comandante e aos demais oficiais, uma capela, um armazém e depósitos.

As pedras usadas na construção, inicialmente, foram trazidas de Belém, por via fluvial (rios Amazonas, Madeira e





Guaporé); posteriormente, passaram a vir de Albuquerque ou de Corumbá, em Mato Grosso, subindo a calha do Rio Paraguai e seus afluentes da margem direita e dali eram transportadas por terra. Essas pedras percorriam mais de mil quilômetros antes de atingir a área do forte. A mão-de-obra foi trazida do Rio de Janeiro e de Belém. Mais de 1.200 homens, entre eles aproximadamente mil escravos, trabalharam na construção, cujo término ocorreu seis anos depois, em agosto de 1783.

As peças de artilharia levaram muito tempo para chegar ao destino. Dados confirmados em documentos registram que quatro de seus canhões - os de bronze, calibre 24 - foram enviados do Pará somente em 1825, sendo transportadas pelo Rio Tapajós, uma viagem que levou cinco anos para se completar.





Abandono

Existe um vazio histórico de mais de um século, após o término do primeiro comando do forte. Está registrado apenas que, em 1889, ano

da Proclamação da República, o velho forte foi desativado, por medida de economia do governo recém-instalado. A partir desta data, tiveram início os saques e as depredações, tanto por brasileiros quanto por bolivianos. Tudo que pudesse ser



aproveitado e carregado foi retirado pelos que por lá transitaram. Canhões foram espalhados ou até mesmo vendidos para navios ingleses em Antofagasta, na costa do Pacífico.

Redescoberta

Em 1914, Rondon, em suas explorações pela região, encontrou vestígios da fortificação e constatou o abandono do rico e histórico patrimônio, já danificado e depredado. Restava apenas ruína do que fora o majestoso Real Forte Príncipe da Beira. Em 1930, o general retornou em inspeção ao mesmo local, deixando registrada sua passagem em uma placa alusiva à data em que foi criado um contingente especial de fronteira.



Desde a passagem de Rondon pela região, o Exército esteve sempre presente. Primeiro, com o 4º Pelotão de Fronteira; em 1954, com o 7º Pelotão de Fronteira e, em 1977, com o 3º Pelotão Especial de Fronteira. Em 1950, o monumental forte foi tombado pelo Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).



Entrada principal do Forte, vendo-se o General Rondon e um grupo de oficiais e soldados em 24 de abril de 1930

Atualmente, o 1º Pelotão de Infantaria de Selva Destacado, pertencente ao 3º Batalhão da 17ª Brigada de Infantaria de Selva, é o responsável pela preservação e manutenção desse riquíssimo patrimônio histórico. Cinquenta e oito homens que compõem o pequeno efetivo do pelotão lá estão, conscientes da missão de vigiar a linha de fronteira, como fizeram as guarnições do passado, nas muralhas e nos baluartes do Forte. Todos prontos para informar e defendê-lo de qualquer tentativa contra a integridade do território nacional.

Como fecho desta reportagem, transcrevemos a frase fixada no pavilhão de comando do pelotão, de autoria do General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, ex-comandante do Grupamento de Elementos de Fronteira (GEF), que soube entender a grandiosidade e responsabilidade dos que servem, trabalham e vivem naquela região, mas que não se esqueceu daqueles que pagaram um alto preço para conquistá-la.



Comandante do Pelotão, 1º Ten Gusmão, acompanhando o Redator-Chefe

“Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia, muito mais difícil, porém, foi a dos nossos antepassados em conquistá-la e mantê-la.”

General Rodrigo Otávio

Vista parcial das instalações do 1º Pel de Fzo de Selva destacado, vendo-se ao fundo as ruínas do Forte Príncipe da Beira

